

Editorial

CRISE
HUMANITÁRIA

A humanidade achou que, ao ingressar no século XXI, o mundo viveria uma experiência mais civilizada, sem as trágicas atribuições que marcaram a centúria anterior. Esperava-se que adentrássemos um período de paz e prosperidade, com a globalização da economia e a integração entre os países.

Não foi o que aconteceu. Em poucos anos, as expectativas se inverteram completamente. A ONU alertou, ontem, que o mundo atravessa sua pior crise humana desde a Segunda Guerra Mundial. Cerca de 128 milhões de pessoas correm riscos em vários continentes, precisando de ajuda humanitária.

O alerta objetiva sensibilizar as nações para que contribuam para o financiamento das operações de resgate da organização em países como a Síria e o Haiti. A ONU estima que precisaria de US\$ 22 bilhões para socorrer todas as populações afetadas por guerras e desastres ambientais.

A população mundial é vulnerável a conflitos armados, deslocamentos humanos e desastres naturais. A escala hoje é maior. “Em nenhum momento no passado recente tantas pessoas precisaram de nossa ajuda e solidariedade para sobreviver”, disse uma autoridade do organismo internacional.

Com o desenvolvimento das comunicações, problemas adquirem maiores dimensões. Dramas e tragédias pessoais e coletivas têm as proporções de grandes crises humanitárias. Estas são subestimadas porque estão distantes de nosso cotidiano e são tratadas com superficialidade pela mídia.

Diante da dificuldade de obter aquele valor, que é inédito, a ONU vai dar prioridade a 33 países mais vulneráveis. No Chade, Níger, Nigéria, Camarões e Sudão do Sul, a catástrofe é a fome; na Síria, Iraque e Iêmen, a guerra e seus refugiados; no Haiti, a seca e os efeitos do fenômeno climático El Niño.

Vidas de milhões de pessoas dependem de recursos que não seriam tão necessários se a humanidade fosse mais civilizada.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Marina Medioli
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

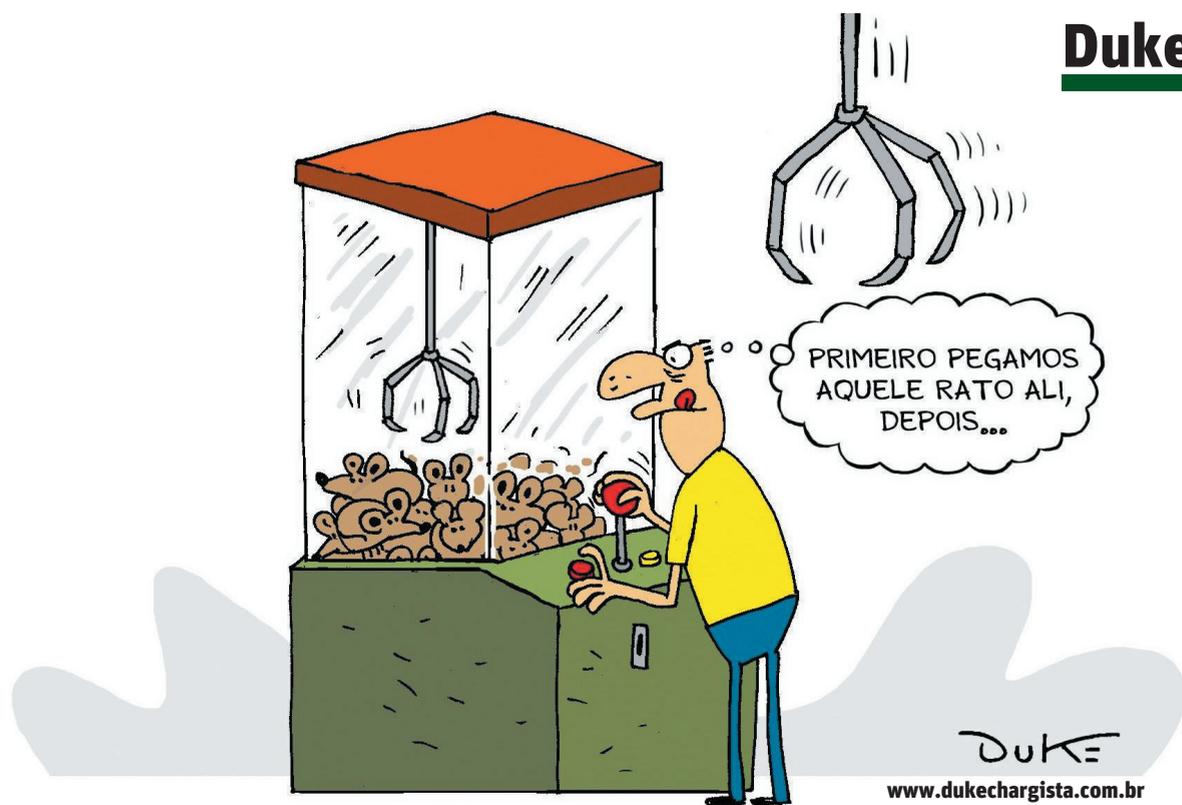
CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Milton Luiz (interino)
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Quatro gerações de mulheres
negras hysterectomizadas

Papas e papisas da ginecologia brasileira não aprenderam

Encontrei na feira, na semana passada, a filha de uma lavadeira que conheci quando estudava medicina. Bote tempo, pois terminei a faculdade em 1978! Quando Angela Davis veio ao Maranhão, nos reencontramos na 1ª Jornada Cultural Lélia Gonzalez, em São Luís (de 11 a 15.12.1997), realizada pelo projeto “O Olhar da Mulher Negra: a sociedade e a cultura brasileira contemporânea”, da Fundação Cultural Palmares.

Em resposta ao “como vai a sua família”, ela, hoje enfermeira, disse-me com ar de revolta incontida: “Todas as mulheres que a senhora conheceu estão vivas, mas sem útero!” Arqueei as sobrancelhas. Ela continuou: “Doutora, li tudo o que a senhora escreveu sobre os miomas. Minha bisavó, minha avó, minha mãe e duas irmãs delas já eram mulheres sem útero. Aprendi muito. Não o suficiente para impedir que eu e uma irmã perdêssemos nossos úteros!”

Sacolas pesadas, trocamos telefones, e ela indagou: “Até quando os úteros das mulheres negras só servirão para o lixo hospitalar?”. E acrescentou: “Será que Flávio Dino não vai ter dó de nós?”. Não tendo as respostas que ela precisava, fiquei calada. Um aperto no peito, um nó na garganta... No carro, chorei. Sempre choro diante dos muros da impotência. E meu choro em momentos assim é como uma pintura para guerra...

Sou estudiosa dos miomas uterinos desde 1993, quando pesquisadora do programa Saúde Reprodutiva da Mulher Negra (Centro de Análise e Planejamento), sob a coordenação da professora Elza Berquó, célebre demógrafa mineira, há anos radicada em São Paulo. Uma de minhas tarefas era a consultoria científ-

ca dos estudos desenvolvidos pelo programa, naquele tempo único na América Latina. E até hoje único no Brasil!

O programa preparava pesquisadoras negras em saúde da mulher negra. Uma delas, Vera Cristina de Souza, socióloga e professora universitária, fez mestrado e doutorado sobre os miomas. Foi necessário que uma cientista de renome, como Elza Berquó, decidisse apostar em estudantes negras (política de ação afirmativa) para que um assunto, como os miomas, de interesse absoluto para as mulheres negras fosse estudado em profundidade. O

Foi necessário uma cientista de renome, como Elza Berquó, para que um assunto de interesse das mulheres negras fosse estudado em profundidade

que significa que papas e papisas da ginecologia brasileira nos devem mais essa e insistem em não aprender!

Os miomas uterinos são os tumores mais comuns nas mulheres, de qualquer raça/etnia, e atingem cerca de 20% delas na idade reprodutiva (entre a primeira menstruação e a menopausa). Em geral são “tumores silenciosos” (sem sintomas); benignos; (menos de 1% se maligniza); de crescimento lento (a maioria diminui de tamanho, naturalmente, após a menopausa). Em meu livro “Oficinas Mulher Negra e Saúde” (Mazza Edições, 1998) encontram-se as seguintes informações:

1. A maior incidência dos miomas em determinados grupos raciais/étnicos colo-

ca-os na categoria das doenças raciais/étnicas. A grande ocorrência de miomas em uma mesma família classifica-os como uma doença familiar – indício que aponta possível base genética, provavelmente uma condição poligênica;

2. Nos dados da literatura médica norte-americana, a prevalência de miomas em negras é cinco vezes maior que nas brancas; e é duas vezes superior nas brancas judias do Leste Europeu que nas demais brancas”;

3. Alguns estudos indicam que a obesidade e as pílulas anticoncepcionais, com altas doses de estrógenos, estimulam o aparecimento e o crescimento dos miomas.

Não tenho compromissos com a omissão! O Maranhão até agora não implantou a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (2009), assim como quase 100% dos demais Estados! É doloroso, não é?

